



Porto do Pireu: Lugar Antropológico, contatos estabelecidos e fluidez de fronteiras*

Port of Piraeus: Anthropological Place, established contacts and border fluidity

Marina Rockenback de Almeida

Mestra em História Comparada UFRJ

NEA-UERJ/ PPGHC-UFRJ/ NEHMAAT –UFF

marinarockenback@gmail.com

Recebido: 24/07/2016

Aprovado: 05/09/2016

RESUMO: Consideramos que a partir dos contatos estabelecidos entre gregos e egípcios, o culto à divindade egípcia, Ísis, foi propagado através das mais diversas regiões. Com conexões marítimas intensificadas através do VII século AEC em diante, Grécia e Egito estabelecem um intercâmbio, seja de produtos, matérias-primas ou de demais elementos culturais e religiosos. Dessa forma partimos do princípio, que com base nas intensas relações comerciais estabelecidas através do Porto do Pireu, em Atenas, é possível inferir que a entrada do culto a Ísis na *polis* dos atenienses ocorreu entre o final do V séc. e início do IV séc. AEC. Além do mais, visualizamos essa região portuária como um espaço *multicultural* que nos possibilita através da aplicação de um *campo de experimentação comparada* diversas possibilidades de questionamentos, principalmente por ser, a *comparação* um gesto pertencente à essência da prática do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar Antropológico, Fronteiras, Memória.

ABSTRACT: From contacts established between Greeks and Egyptians, the cult of the Egyptian deity Isis, was spread through various regions. With enhanced maritime connections through the seventh century BCE onwards, Greece and Egypt establish an exchange, whether products, raw materials or other cultural and religious elements. Thus we assume that based on intensive trade relations established through the port of Piraeus in Athens, we can infer that the cult of the entrance to Isis in the polis of the Athenians occurred between the end of the fifth century and beginning of the fourth century BCE. Moreover, we see this port area as a multicultural space that enables us through the application of a field of experimentation compared several possibilities of questions, mainly because it is the comparison a gesture belonging to the essence of the practice of human beings.

KEYWORDS: Anthropological Place, Border, Memory.

A partir das conexões marítimas intensificadas no século VII AEC, gregos e egípcios estabelecem forte intercâmbio, seja de produtos, matérias-primas ou de demais elementos

* Toma-se relevante ressaltar que o proposto em nossa presente construção compete a um recorte da pesquisa realizada pela autora em sua dissertação de mestrado intitulada Por um comparativismo construtivo do culto à Ísis entre atenienses e egípcios no final do V século AEC. ROCKENBACK, Marina. *Por um comparativismo construtivo do culto à Ísis entre atenienses e egípcios no final do V século AEC.* 184 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em História Comparada, Rio de Janeiro, 2016.



culturais e religiosos. Diante dessa conjuntura a diversidade de cultos torna-se presente em Atenas¹, e mais especificamente no porto do Pireu, levando-nos a apropriar da construção mitológica como elemento de manutenção social através dos valores e normas incutidos em sua formulação e também na produção de *memória*. Desse modo, baseamo-nos nas intensas relações comerciais estabelecidas através do referido porto, o que possibilitou nossa inferência sobre a entrada do culto a Ísis- divindade egípcia- na *polis* dos atenienses entre o final do V século e início do IV século AEC.²

O culto a Ísis tornou-se objeto de pesquisa – com mais veemência – dentro do campo das construções historiográficas desde o início do século XX, devido a necessidade de construção do saber em meio ao estudo da história das religiões que se formula, tomando por base o anseio às discussões a cerca da “origem e desenvolvimento do divino”³ nas primeiras décadas do século XX. Iniciam-se reflexões sobre os sistemas “politeicos”, e, na década de 60, com influência de Georges Dumézil – tratando de relações estabelecidas, complementaridades e oposições – são intensificados os trabalhos referentes aos sistemas religiosos compostos por diversas divindades. Sobre as sociedades politeístas, Marcel Detienne ressalta que estão repletas de “coleções de divindades, em agrupamentos circunstanciais ou recorrentes, em configurações monumentais ou efêmeras”.⁴

Ressaltamos que a metodologia *comparada*⁵ aliada ao referencial teórico aplicado em nossos estudos, baseado em Marc Augé, possibilitou uma abordagem diferenciada da temática, levando em conta que nos utilizamos da memória e da geografia, unidas à construção *histórica* do *lugar antropológico* e da *identidade relativa* das mulheres atenienses inseridas no sacerdócio da deusa egípcia.

¹ Exemplo: Demeter, Artemis, Bendis, Aphrodite, etc.

² Posteriormente, nos séculos III e II AEC, o culto obtém seu auge de disseminação pelo Mediterrâneo, principalmente devido aos contatos e à expansão do Império Romano. A proposta de nossa pesquisa problematiza a historiografia que aborda a presença desse culto em Atenas em temporalidade subsequente, por volta do século III AEC.

³ DETIENNE, Marcel. *Comparar o Incomparável*. 2. ed. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.p 94.

⁴ _____. *Comparar o Incomparável*, p.97

⁵ A propósito dos estudos comparativos históricos, percebemos que há necessidade de se adequar a metodologia, na qual a pesquisa está inserida, junto à teoria, levando em conta a especificidade do programa ao qual nos encontramos vinculados, a saber, PPGHC. Inseridos nesse contexto, é possível identificar diversas vertentes a propósito da construção comparativa da história. Diante das discussões e reformulações da historiografia tradicional, o método comparativo surge à luz de ideias fundamentadas em Marc Bloch, quando trata de caracterizações de “similitudes, diferenças e proximidades”, e através das dificuldades pensadas por Jürgen Kocka, que visualiza uma vastidão de casos para estudo e de uso de leituras secundárias. O método comparativo também era visto como o que extrapolava estudos locais e regionalistas, ampliando sua abordagem, promovendo uma renovação das pesquisas históricas e, por conseguinte, Marcel Detienne, que traz uma abordagem que privilegia os contatos interdisciplinares, corrompendo o paradigma de comparação apenas de comparáveis, aproximando historiadores e antropólogos. VEYNE, Paul. *O Inventário das Diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983;KOCKA, Jürgen. *Comparison and Beyond*. Berlin: Friedrich Meinecke Institut, 2003; BLOCH, M. *Para uma História Comparada das Sociedades Europeias*. In: _____. *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998, p. 119-150; DETIENNE, Marcel. *Comparar o Incomparável*. 2 ed. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.



Compreendemos que as construções míticas auxiliam na demarcação e observação territorial, visando à extensão da abrangência de atuação da divindade, tanto quanto as relações estabelecidas entre as pessoas integrantes dos cultos. Além de possibilitar a compreensão do ambiente, torna-se possível estabelecer um parâmetro sobre quem está inserido no *imaginário social* daquele local e em que contexto/tempo social.

Depreende-se que a característica *multicultural* da região portuária possibilitaria a interação entre as diversas culturas que ali circulavam e também a construção de *identidades relativas*.⁶ Ou seja, entendemos que a partir da presença de santuários estrangeiros no Porto do Pireu e dos contatos estabelecidos entre os que ali circulavam, tais como atenienses, egípcios, trácios, etc., as identidades eram formuladas e reformuladas à medida que as pessoas iam se relacionando.

A inserção dos novos deuses em Atenas não era algo impossível,⁷ desde que passasse pelo procedimento legal para verificação e aceitação do culto entre os atenienses. Dessa forma materializamos essa afirmação com o documento epigráfico IG II² 337,⁸ e de forma complementar reportamo-nos à estrutura das *ekklesias*, que eram as assembleias realizadas em local público para deliberação de decisões do cotidiano da pólis, como a autorização de espaço de culto, sendo compostas por cidadãos de Atenas e presididas por magistrados pertencentes à pólis ateniense.

Deste modo, compreendemos que a autorização do culto à divindade estrangeira Ísis tenha sido levado a debate em assembleia, através de Licurgo,⁹ pois “em virtude de sua posição como tesoureiro da administração financeira, exerceu extraordinária influência sobre os assuntos internos de Atenas em 338 -326 AEC”.¹⁰ Em uma tentativa de promover a paz e aos poucos

⁶ AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1997, p.63-65.

⁷ Como muitas vezes pode-se subentender ao tratar de uma *pólis*, aparentemente, rígida em suas leis e em tempos de construção e afirmação identitária.

⁸ Fonte epigráfica em forma de estela, encontrada no porto do Pireu, com solicitação de concessão de fundação de um Santuário de Afrodite por estrangeiros.

⁹ Em 338/337, Licurgo assume o poder por 12 anos; durante seu governo, segundo Dobson e Mahone: “[...] construiu um teatro e um Odeon, completou um arsenal, o aumento da frota, e melhorou o porto de Pireu. Ele também embelezou a cidade com obras de arte-estátuas dos grandes poetas erguidas nos lugares públicos, figuras douradas de Vitória e vasos de ouro dedicado nos templos. Seu respeito por poetas foi ainda demonstrado pelo seu decreto que uma cópia oficial deve ser feita das obras dos três grandes trágicos-a exemplar, que depois passaram para a posse da Biblioteca Alexandrina. [...] ele promulgou leis suntuárias; como um homem religioso por instinto e tradição, ele construiu templos e incentivou festas religiosas; um patriota ardente por convicção, ele pensou que era seu dever realizara parte ingrata de um promotor público, perseguindo todos aqueles que não cumpriram o seu dever sagrado para como seu país. Desta forma, ele conduziu muitos processos, que eram quase todos de sucesso”. DOBSON. J. F. MAHONEY, Anne. *The Greek Orators*. Editado por Perseus. Methuen and Co. Londres. 1919 p. 272.

¹⁰ SIMMS, Ronda R. *Isis in Classical Athens*. *The Classical Journal*. vol. 84, n. 3, pp. 216-221, 1989.



promover o retorno da prosperidade e credibilidade em Atenas, Licurgo também proporciona um forte incentivo religioso que permite a inserção de novos cultos e *novos deuses*.¹¹

É de extrema importância ressaltar que antes da inserção oficializada no final do V séc. AEC, o culto de Ísis, usado como referência para a inserção de outros cultos estrangeiros em momentos posteriores, foi estabelecido por algumas famílias em suas próprias residências¹², permanecendo privado¹³ nos *orgéons*, e nas *phratrias*. Gradualmente o culto adquire mais adeptos, até que se oficialize na comunidade poliade.

Sobre o *epimeletes*¹⁴ Licurgo,¹⁵ Clause Mossé¹⁶ afirma que demonstrava uma autêntica solicitude, ao autorizar a edificação de santuários para suas divindades, e essa ação comprova, também segundo o autor, serem numerosos os estrangeiros no Pireu. Informação complementada por J. D. Hulsey¹⁷, ao tratar da população da Attica, na segunda metade do V século, estimando-se ser o total de 150.000 pessoas, sendo 20.000 metecos viventes principalmente no Pireu.

Reafirmamos antropologicamente ao caráter *multicultural* da região do Porto, a qual julgamos ser o *topos* da entrada e difusão do culto a Ísis entre os atenienses. Nesse sentido, atrelamos ao nosso estudo uma breve análise das características geográficas, pois compreendemos a *paisagem*¹⁸ do Porto do Pireu como reflexo da união entre aspectos físicos e biológicos, além de contar com a intervenção do homem em seu ambiente.

¹¹ PARKER, Robert. *Athenian Religion a History*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

¹² Para mais informações sobre cultos realizados no interior do *oikos*, Cf: GARLAND, Robert. *Religion and the Greeks*. London: London Bristol Classical Press, 1994.

¹³ MIKALSON, Jon D. *Religion in Hellenistic Athens*. Berkeley: University of California Press, 1998.

¹⁴ De acordo com Cargill, “um termo genérico para pessoa encarregada, gerente, supervisor, superintendente, etc. Vários grupos de *epimeletai* operavam dentro do governo Atico, alguns com deveres religiosos, alguns se engajando em atividades ‘seculares’”. CARGILL, Jack. *Athenian Settlements of the Fourth Century B.C.* Nova York: Brill, 1995, p. 153.

¹⁵ Após perpassamos Licurgo e suas grandes construções, posicionamos-nos a refletir sobre acontecimentos e construções no Egito, também na data de 332 AEC, sobre a conquista de Alexandre da Macedônia (Alexandre o Grande), que proporcionou a conquista de uma nova capital, Alexandria, sede da grandiosa Biblioteca de Alexandria, por ele construída e detentora de um acervo extenso e valioso. Após a morte de Alexandre sucedeu-o Ptolomeu, um de seus generais, iniciando assim o Período Ptolomaico. Sobre a influência helênica na sociedade egípcia, segue a fala de Brancaglione: “A corte ptolomaica é enfaticamente grega na atmosfera e na prática e adota o deus Serapis, uma versão grega do deus Osíris-Apis, como deus nacional. A influência da arte helenística é especialmente forte na corte mas a arte egípcia tradicional não foi afetada. [...] Os Ptolomeus mostravam-se para o mundo mediterrâneo como gregos descendentes de Alexandre; e, para os egípcios, como os descendentes do faraó” - BRANCAGLIONE JR, Antonio. *Tempo, matéria e permanência: o Egito na Coleção de Eva Klabin Rapaport*. Casa da Palavra, RJ, 2001, p.48.

¹⁶ MOSSÉ, Claude, *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p.188.

¹⁷ HULSEY, J. D. *The Piraeus and the Panathenaia: Changing Customs in Late-Fifth Century Athens*. Berkeley: *Berkeley Undergraduate Journal of Classics*, 2(1), 2013.p. 10 Captado em: <http://escholarship.org/uc/item/9005x4bf> Acesso em: jan.2016.

¹⁸ Para um debate sobre o conceito de paisagem, ver a obra: ROGOWSKI, Renata. *Conceito de Geografia da Paisagem*. *Revista Discente Expressões Geográficas*, n. 06, Florianópolis, 2010.



Para compreendermos o espaço como *lugar antropológico*, assimilamos a relevância da fluidez das *fronteiras*, tratando-se do *imaginário social* ao qual elas estão sendo referenciadas. Nesse sentido, ressaltamos que existe uma *flutuação de fronteiras*¹⁹, sejam elas *físicas/naturais*, como penhascos, o próprio mar, as florestas; ou as *fronteiras imaginárias*, que compreendem “alteridades, igualdades e o hibridismo”.²⁰

Dessa forma, compreende-se o *lugar antropológico* através da inserção e propagação dos cultos, através de artefatos imbuídos de valores e pela observação da topografia da região. Isto é, o espaço no qual se imprime um grau de afetividade e *pertencimento* devido às vivências que são materializadas, por exemplo, em estelas fúnebres e santuários.²¹

Nesse particular, atrelamos a dinâmica entre os contatos de gregos e egípcios à compreensão da *territorialização* e a *flutuação de fronteiras* de que estamos tratando. Propõe-se que, de acordo com o contexto de observação dessas *fronteiras*, há a possibilidade de re-significação e remodelação do *limes*, ou seja, dependendo do ponto de vista de quem a observa, seja um meteco²² ou um cidadão, pois cada membro social, a partir de sua posição e origem, irá interpretar e reinterpretar os elementos da sociedade à sua maneira.

Parece, portanto, oportuno percebermos a estrutura física do porto, pois consideramos ser o propulsor da *infiltração social* do culto a Ísis em solo ateniense, de forma privada e pública. Ligado à *polis* de Atenas por um estreito canal de aproximadamente cinco milhas²³, o Porto do Pireu apresenta em sua topografia uma composição rochosa²⁴, situado a mais ou menos 8 km a sudoeste da Asty, cercado por Munichia em uma íngreme colina a leste, e a Akte em um patamar um pouco mais abaixo para sudoeste; a sudeste encontra-se o porto de Zea, e a noroeste o grande porto de Kantharos.

A propósito das divisões na região do Pireu, que eram caracterizadas por suas especificidades, a atribuição de seus valores compreende a constituição do *lugar* em sua totalidade. De acordo com as informações fornecidas por Garland, cada parte constituinte do porto representava uma característica principal, porém é possível verificar que em alguns momentos

POZZO, Renata R; VIDAL, Leandro M. O conceito geográfico de paisagem e as representações sobre a ilha de Santa Catarina feitas por viajantes dos séculos XVIII e XIX. *Revista Discente Expressões Geográficas*, nº 06, ano VI. Florianópolis, junho de 2010, p.111-131.

¹⁹ AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1997, p.47.

²⁰ Para uma discussão mais aprofundada sobre o termo, sugerimos a leitura do livro *O local da cultura*, de Homi K. Bhabha. Cf. BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte. Editora da UFMG. 1998.

²¹ STEINHAEUER, George. *The Archaeological Museum of Piraeus*. Latsis Group, Atenas, 2001, p.227.

²² Estrangeiro residente em Atenas.

²³ DICKS, T. R. B. *Piraeus: The Port of Athens*. *The Town Planning Review*, Vol. 39, No. 2, 1968, p.140.

²⁴ GARLAND, Robert. *The Piraeus: from the fifth to the first century B.C.* London: Duckworth, 1987, p.7.



cada repartição: Zea, Kantharos e Munichia mesclam suas funções, pois a Zona naval e Comercial, tanto quanto as embarcações de guerra e os estaleiros de reparo/arsenal, poderiam ter suas funcionalidades trocadas de acordo com a necessidade. Conforme esse ponto de vista, concordamos que possa ter ocorrido uma singela mescla de funcionalidades em cada trecho do porto, pois não é possível afirmar a existência de uma triagem que pudesse direcionar as embarcações aos seus respectivos portos. Contudo, delimitaremos e nos ateremos ao seguinte: Munichia desenvolve-se, majoritariamente, como porto de características militares, com instalações navais; Kantharos direciona-se principalmente ao aspecto comercial, pois a chegada de mercadores nesse grande porto apresentava-se de modo mais intenso, e Zea destinava-se à recepção de embarcações navais.

Segundo J. D. Hulsey²⁵, a estrutura do Pireu foi planejada ideologicamente para refletir uma descentralização, mostrando-se menos hierárquica, incorporando um caráter integralizador ao Porto e principalmente uma política de tolerância religiosa. Levando em conta sua topografia favorável e ruas que possibilitavam melhor circulação por todo o ambiente, compreendemos que não se faz pertinente tentar delimitar um local exato de concentração de templos e santuários, visto que a religiosidade presente no Porto estava diretamente relacionada às demais atividades que ali funcionavam.

Apesar da distância entre Atenas e o Pireu, havia uma forte ligação entre todas as ações e decisões entre os locais, pois o Porto tornou-se, por sua importância, o “segundo centro urbano da *polis*”.²⁶ Muitas das deliberações eram realizadas em assembleias na *Ágora* ateniense, ou então, no próprio Porto.

Segundo Sitta von Reden, “o demos do Pireu tinha de um lado uma estrutura administrativa mais complexa do que outros demos e, por outro, estava mais fortemente controlado pela assembleia ateniense”. Isso porque a administração de cada setor do porto detinha cargos escolhidos previamente em assembleia, seja na área naval, subordinada à administração de um *strategos*, seja no setor comercial supervisionado por *magistrados*.

A chegada de mercadorias advindas de outras regiões e a necessidade do trâmite marítimo desse comércio demonstram a dependência ateniense quanto a essas relações²⁷, e, segundo

²⁵ HULSEY, J. D. *The Piraeus and the Panathenaia: Changing Customs in Late-Fifth Century Athens*. Berkeley: Berkeley Undergraduate Journal of Classics, 2(1), 2013, p.10. Captado em: <http://escholarship.org/uc/item/9005x4bf> Acesso em: 05/09/2016.

²⁶ REDEN, Sitta von. O Piraeus – a world apart. *Greece and Rome*, Second Series, Vol. 42, n. 1, p. 24-37, Cambridge University Press, apr. 1995, p.27.

²⁷ CHIC GARCIA, Genaro. *El comercio y el mediterráneo en la antigüedad*. Madrid: Editora Akal S.A., 2009, p.316.



Gabriel da Silva Melo, elabora-se um *imaginário autárquico*, de maneira que conhecer, manipular e utilizar o mar, atribuíam *poder* sobre ele, pois concebemos que “autarquia era compreendida pelo cidadão grego, portanto, não como ‘produzir sozinho tudo o que é necessário’, mas poder prover ou fazer com que lhe prouessem tudo aquilo que é necessário sem estar submetido, para tal fim, a outro homem”.²⁸

É a propósito dessas afirmações, que desenvolvemos a aplicabilidade de nosso olhar sobre o *espaço* do Pireu, como um *ponto* inicial de contato entre atenienses e os não gregos, o que proporciona a inserção dos novos deuses. Por isso, essa região relativamente distante da Ágora age como mediadora, e promove uma porta de acesso ao restante de Atenas, visto que nos séculos seguintes a presença do culto a Ísis²⁹ encontra-se mais solidificado e expande-se de forma significativa.

Diante das obrigações desses estrangeiros domiciliados para com a *polis* dos atenienses, havia também o benefício da aquisição de terra (*Ἐγκτήσις; Énktēsis*) na região do Pireu para a construção de templos/santuários a divindades estrangeiras, e tais serviam também como via de proteção nos tribunais atenienses. Os estrangeiros que desejassem permanecer em Atenas recebiam tutoria do *proxenos*, que servia como porta-voz e deveria ser um cidadão com suas obrigações com a *polis* à qual pertencia.

Esse estrangeiro domiciliado, chamado de *meteco*, receberia honrarias fornecidas pela *polis* em troca de seus serviços, como: a troca comercial de grãos, muitas vezes sob preço reduzido como podemos verificar nas fontes epigráficas do V e IV séc. AEC. Segundo John S. Kloppenborg; et al.³⁰, tais elementos da cultura material demarcam os nomes dos *proxenoi* – responsáveis pelos metecos – suas mercadorias, atividades comerciais e mercantis executadas na região do Pireu.

Considerando o traço *cosmopolita* do Pireu e o que visa ao embasamento antropológico necessário diante da compreensão dos contatos estabelecidos, observamos que não era possível fazer distinção entre cidadãos e pessoas de outras categorias que por ali percorriam, pois estavam presentes: cidadãos, mulheres, escravos, prostitutas, metecos e estrangeiros. Respaldamos nossa

²⁸ MELO, Gabriel da Silva. *Campesinato e Mercado na Atenas Clássica (séculos V e IV A.C)* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH: São Paulo, 2011, p.5.

²⁹ Para maiores informações sugerimos as seguintes obras: BURKERT, Walter. *Antigos cultos de mistérios*. São Paulo: EDUSP, 1991; BRICAULT, Laurent. Isis, des eaux du Nil à la Méditerranée. In: *La Méditerranée d'une rive à l'autre: culture classique et cultures périphériques. Actes du 17ème colloque de la Villa Kérylos à Beaulieu-sur-Mer les 20 & 21 octobre 2006*. Paris: Académie des Inscriptions et Belles Lettres, p. 261-269, 2007. (Cahiers de la Villa Kérylos, 18); DUNAND, F. *Isis Mère des Dieux. Actes Sud, Babel*, oct. 2008.

³⁰ Captado em: <http://www.philipharland.com/greco-roman-associations/?p=3045> Acesso em: abril 2015.



afirmativa referente a essa mescla presente entre quem pelo Pireu circulava através do relato do Velho Oligarca, quando trata da conduta do cidadão ateniense em relação à impossibilidade de agredir a qualquer um que fosse.

Como observamos no seguinte trecho: “se fosse legítimo o homem livre bater no escravo, no meteco ou no liberto, corria-se o risco permanente de surrar um Ateniense, acreditando tratar-se de um escravo; é que lá o povo não se veste melhor do que os escravos e metecos e sua aparência também em nada é melhor”.³¹

Consoante o fluxo *multicultural* do Porto do Pireu torna-se pertinente tratar novamente sobre a mediação entre estrangeiros e cidadãos através do *proxenos*, este que também estabelecia contatos diplomáticos para Atenas.³²

De acordo com Debora Kamen, no final do V séc. e início do IV séc AEC, os *proxenos* ficam ainda mais propensos a passar a maior parte de seus tempos em Atenas, devido à intensificação da população estrangeira no local, o que lhes garantia alguns direitos de proteção para si e sua respectiva família e automaticamente certa elevação de status. Levar assuntos às assembleias (*Ekklesia*), como também viabilizar o direito de *emktesis*, *isotelia*,³³ liberdade de importação e exportação, concessão e aceitação de cultos estrangeiros em solo ateniense e em alguns casos, até mesmo, a concessão de cidadania, foram algumas das possibilidades consentidas aos metecos pela *polis* ateniense, através da atuação de um *proxenoi*.

Levamos em conta que a expansão da *cidadania* era concebida conjuntamente com o fortalecimento da potência *marítima* de Atenas, pois o preceito da *isonomia* proposto por Sólon amplia horizontes, como exemplo: o estímulo da população agrária a direcionar-se à região urbana. A propósito dessas informações, ressaltamos que as relações entre metecos e cidadãos eram estreitas, o que proporcionava uma *interseção* de costumes. Nesse ínterim, o Pireu torna-se *topos* das sacerdotisas de Ísis, pois compreendemos que o sacerdócio dessa divindade em Atenas era composto principalmente por mulheres atenienses, filhas e/ou esposas de atenienses, que se apropriam do Culto a Ísis e se configuram como devotas da deusa.

Compreendemos que a intensidade dessa inserção ocorre devido à característica da diversidade multiétnica da região. Nesse sentido, consideramos que a permanência de santuários estrangeiros nas regiões ao redor da *Khora* era frequente, visto que alguns demarcavam regiões fronteiriças. Esses *pontos* de culto demonstravam um caráter dual, pois demarcam *alteridades* e

³¹ OLIGARCA. *Const. Aten.*1:10.

³² KAMEN, Deborah. *Status in Classical Athens*. Princeton: Princeton University Press, 2013, p.58.

³³ Igualdade em impostos e tributos.



semelhanças, a partir do momento em que ali se encontravam pessoas de toda sorte, tais como cidadãos e estrangeiros.

É oportuno indicar que esse principal ponto de entrada dos cultos estrangeiros identifica-se através da possibilidade de materialização dos elementos de culto, seja através das fontes epigráficas ou a fundação de santuários.

Desse modo, conforme foi possível explicitar, a área naval e comercial do Pireu encontrava-se intrinsecamente relacionada ao caráter *sagrado*, pois há intensa presença de elementos religiosos nessa região. A partir de dados arqueológicos e epigráficos³⁴, é possível afirmar a presença de templos e santuários de diversas divindades convivendo nessa localidade. Em virtude do caráter *multicultural* do *lugar*, percebemos uma sorte de “dedicatórias, listas de membros de associações religiosas, decretos, inscrições sacrais”³⁵, que denotam e fundamentam o caráter religioso que envolvia tanto gregos quanto não-gregos.

Considerando a passagem do Velho Oligarca, já mencionada em outro momento, quando afirma sobre os contatos com povos e acesso a produtos estrangeiros, devido ao domínio marítimo, compreendemos que no *imaginário social* ateniense era atribuído ao Mar Egeu uma prerrogativa de ser um ambiente conhecido e por assim dizer dominado, visto o poder exercido por Atenas em sua amplitude, o que ocasionava forte contato entre as culturas.

Devido a isso, concordamos com D. Massey³⁶, que o *lugar* não é estático, não possui fronteiras demarcatórias e não possui identidades únicas. Desse modo, entendemos que não basta contrapor Atenas ao seu “exterior”, pois as relações estabelecidas são exemplos de *processos* fluidos, em que o próprio meio externo constitui a construção do eu, quando posto em reflexo com o outro, e também do que é o *lugar*, ou seja, ser ateniense. Compreende-se que cada local detém sua história e essa produção remanescente compõe o *sentido do lugar*, que é constituído pela relação entre o *lugar*, em primeiro plano de observação, e os demais *lugares* que se inter-relacionam, sendo composto pelo *sentido global do local*.

Segundo Massey, podemos definir *lugares* a partir dos espaços compostos de relações sociais que necessariamente não possuem demarcações no território, pois são simbólicas, ou seja, “em vez de pensar lugares como áreas com fronteiras ao redor pode-se imaginá-los como

³⁴ Poucos são os vestígios que apresentam objetividade sobre a especificidade da prática do culto, pois grande parte se apresenta como fórmulas votivas, com poucas palavras, mostrando uma intensa subjetividade, característica presente em elementos religiosos.

³⁵ GARLAND, Robert. *The Piraeus: from the fifth to the first century B.C.* London: Duckworth, 1987. p 102.

³⁶ MASSEY, Doreen. *Um sentido Global do Lugar*. In: ARANTES, Antonio A.(org) Campinas,SP: Papirus: 2000, p.185.



momentos articulados”.³⁷ Em conformidade com o que nos afirma Marcel Detienne, o lugar detém limites que se formam e se dissolvem através do *deslocamento do corpo* social com suas ações e relações.

Dessa forma, ao localizarmos a comunidade social formada pelas seguidoras do Culto a Ísis, no Pireu, percebemos que suas práticas se davam de maneira análoga à das demais divindades³⁸ que ali estavam assentadas, sem que fossem suplantadas, pois no momento de realização das práticas rituais e culto, o simbolismo atribuído pelos participantes ressignifica o *lugar*.

A conceituação proposta por Hassey sobre o lugar não ser estático dialoga imediatamente com o que Marc Augé propõe sobre a compreensão do *lugar* sendo posto em observação através da referência ao *outro*. De acordo com Augé, “num mesmo lugar podem coexistir elementos distintos e singulares, [...] não se proíbe pensar nem as relações nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação do lugar comum”.³⁹

Nesse sentido, os lugares com suas especificidades e cultos formam relações antropológicas que demarcam *territorialidades*⁴⁰, tornando esses espaços *lugares antropológicos*, conceito que, em conformidade com Marc Augé, se define como “uma construção concreta e simbólica do espaço”, em que ao se investir sentidos e significações caracterizam-se por serem “identitários, relacionais, históricos e geométricos”.⁴¹

A própria fundação do Porto do Pireu não ocorreu apenas a partir da concepção da necessidade de um porto mais estruturado para Atenas, mas também por representar para o imaginário ateniense a viabilização do poder marítimo e o cunho ideológico democrático, sendo representados pelo poder naval, comercial e o reconhecimento da relevância ateniense através da notoriedade em receber uma grande quantidade de estrangeiros.

Além do mais, permite que o antigo porto da cidade, “*Falerion*, se estabelecesse como terra dos ancestrais, lugar sagrado e zona de influência política da aristocracia”⁴², e o Pireu como “lugar de troca e comércio, na qual a oligarquia emergente exerceria suas atividades e atuaria

³⁷ _____. *Um sentido Global do Lugar*, p. 184.

³⁸ Bendis, Aphrodite, Ártemis, Deméter.

³⁹ AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1997. p. 53

⁴⁰ Conceito de Marcel Detienne (2004) ao tratar de diversos modos de estabelecer um território.

⁴¹ AUGÉ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora, 2005. p. 58

⁴² DUARTE, Alair Figueiredo. *Uma análise sobre os cultos religiosos e a projeção do poder marítimo ateniense através do porto do Pireu no século V a.C.* Rio de Janeiro. NEARCO-2013 Captado em: www.revistanearco.uerj.br/arquivos/numero12/13-26.pdf Acesso em: nov.2015.



junto ao demos, o qual permitia trocas culturais e intercessões de cultos religiosos”.⁴³ Mediante a historiografia apresentada até o momento, é possível inferir que, com a transferência da “porta de entrada” de Atenas, de *Fálerion* para o *Pireu*, atribuiu a este local não só um caráter fluido, devido à intensa circulação de pessoas de diversos segmentos sociais, como também o tornou ponto central da relação entre gregos e não-gregos em virtude da existência de influência mútua entre as regiões, representadas por comerciantes, artesãos ou segmentos navais.

A distância da zona portuária em relação à Ágora de Atenas proporcionava ao Porto o caráter de mediador cultural entre todos que por ali passavam, unindo o exótico do estrangeiro à polidez de quem pertencia à *polis*, ou seja, a *eschatia* e a *civilidade*. Era comum que o *emporion* fosse localizado separado por muros ou *fronteiras*⁴⁴, a fim de amenizar o acesso imediato à *polis* por estrangeiros.

Essa afirmação fundamenta-se quando tomamos conhecimento sobre a criação do culto a Zeus Olímpia sob o governo de Psístrato, temática trabalhada por Lilian Laky⁴⁵, considerando que esta divindade surge com dois propósitos iniciais, a saber: 1) auto-afirmação da identidade grega e; 2) a mediação e recepção de divindades estrangeiras, podendo ser representado pelo epíteto *χευος*.

Isso nos chama a atenção para a compreensão etimológica do termo *proxenos*⁴⁶, devido à proximidade do significado quanto à mediação entre cidadãos e estrangeiros. Nesse segundo propósito, o enfoque corrobora o embasamento referente ao sentimento de reestruturação *identitária* ateniense; e de forma complementar, nota-se claramente uma postura receptiva ao estrangeiro pelo cidadão de Atenas, sentimento que também existia na construção do *imaginário* da *polis*, uma vez que os contatos estabelecidos entre gregos e egípcios existiam desde o período Minoico⁴⁷ e, como já ressaltamos, os contatos no V século AEC estavam sendo intensificados e incentivados.

⁴³ _____ . *Uma análise sobre os cultos religiosos e a projeção do poder marítimo ateniense através do porto do Pireu no século V a.C.*

⁴⁴ HULSEY. *The Piraeus and the Panathenaia: Changing Customs in Late-Fifth Century Athens*, p.10.

⁴⁵ LAKY, Lilian de Angelo. *Olímpia, Zeus Olímpio e a construção da identidade grega nos séculos VI e V a.C. Mareostrum*, ano 3, vol 3, art. 13-USP, 2012, p.2.

⁴⁶ Em uma pesquisa não aprofundada localizamos que o prefixo *pro-*, no grego, possui significado de *antes*. Possuindo raiz indo-europeia do *per-3-* que significa conduzir; primeiro, em cima de. E segundo o dicionário etimológico-científico de Vito Maria de Grandis, *xenos* significa hóspede, ou seja, que não pertence ao local, estrangeiro. Desse modo, subentende-se que, de fato, os termos *proxenos* e *xenos*, se relacionam no que condiz à mediação entre um elemento para com outro. Captado em: <http://etimologias.dedhile.net/?pro> Acesso em: 18/11/2015.

⁴⁷ TOBIN, Vicent Arie. Isis and Demeter: Symbols os Divine Motherhood. *Journal of the American Research Center in Egypt*, vol. 28, p. 187-200, 1991, p.190.